



“A CONSTRUÇÃO DO DISPOSITIVO DA TRANSEXUALIDADE: SABERES, TESSITURAS E SINGULARIDADES NAS EXPERIÊNCIAS *TRANS*”.

Maria de Fátima Lima Santos¹
Márcia Arán*

Pensar e definir a transexualidade não constitui uma tarefa fácil. Classificações estão presentes, tanto no *ethos* da saúde, expressas através de discursos e práticas, envolvendo uma rede multiprofissional e diferentes especialidades; quanto no imaginário social, retroalimentado por diferentes ideias do que vem a ser o fenômeno da transexualidade. A temática levanta polêmicas que abrangem discussões acerca do corpo, da sexualidade e da identidade, provocando inquietações em torno de pares dicotômicos clássicos como sexo/gênero, natureza/cultura, normal/patológico e saúde/doença. Nesse contexto, as estruturas binárias que parecem organizar o campo social e cultural, principalmente no que se refere aos comportamentos sexuais, têm sido colocadas cada vez mais em debate, ameaçando os alicerces sólidos nos quais se constituíram.

A tese, aqui apresentada, tem como objeto a construção do dispositivo da transexualidade. Tomando como referência a definição e discussão de “dispositivo” no pensamento de Michel Foucault. A preocupação central reside em compreender como a transexualidade, ao longo do século XX, transformou-se em uma patologia. A ideia da transexualidade, enquanto um “transtorno de identidade de gênero”, é resultado de um conjunto de saberes que, através de relações e práticas de poder estabeleceram sobre os corpos, o sexo e a sexualidade toda uma organização conceitual que permitiu e legitimou a transexualidade como um fenômeno por excelência, do âmbito médico, principalmente psiquiátrico.

No Código Internacional das Doenças – CID 10, a transexualidade figura o F64.0, fazendo parte dos transtornos de identidade sexual com a tipologia de “transexualismo”. No Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM-IV, a transexualidade passa a ser considerada uma disforia neurodiscordante de gênero, tendo como referência o F64.x.

Neste contexto, as relações entre diferentes campos de saber – Medicina, Psiquiatria, Sexologia, Sociologia, entre outros, contribuiram para invenção da transexualidade enquanto fenômeno singular, definindo suas características bem como condutas terapêuticas e práticas interventivas. Dessa forma, a transexualidade transformou-se num imperativo normativo,

¹ Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

* Professora do Instituto de Medicina Social/Universidade Estadual do Rio de Janeiro.



entendendo que esse movimento se deu a partir de um conjunto de enunciações, práticas discursivas, postulados, pesquisas, e, principalmente de um feixe de relações de força (poder). No entanto, tomando como referência as ideias de poder no pensamento de Michel Foucault, percebem-se, no âmbito do próprio dispositivo, as possibilidades de negociações, reiteraões e, principalmente, subversões da norma abrindo a possibilidade de resistências no âmbito do próprio dispositivo.

As experiências transexuais² aparecem como elemento importante no dispositivo da transexualidade, evidenciando as relações que os sujeitos estabelecem com a norma nas discussões em torno da ideia de patologia, nas conduções terapêuticas, nas definições do que vem a ser a transexualidade, nas construções das identidades e, principalmente nas experiências que constroem e vivenciam consigo mesmos e com os outros (família, amigos, instituições religiosas, contexto social e cultural).

Dissertar sobre a transexualidade é discutir como a cultura ocidental tem construído e naturalizado categorias como corpo/sexo/sexualidade. Sua visibilidade é um fenômeno contemporâneo. Nas últimas décadas, várias (os) transexuais ganharam projeção, apresentando, para o mundo, principalmente através da mídia, a presença cada vez maior desses sujeitos no tecido social, alargando as fronteiras do gênero estabelecidas pela dicotomia feminino/masculino. A presença e visibilidade do fenômeno trás a necessidade de discutir o tema seja a partir da perspectiva da Saúde Coletiva ou a partir das Ciências Humanas e Sociais, pois provoca no imaginário social um repensar sobre a naturalização dos corpos, gêneros e sexualidades. Consolida-se no imaginário cultural a ideia do corpo como um dado natural. No que condiz ao sexo e, conseqüentemente à sexualidade essa naturalização atinge um ponto máximo, essencializando o que é ser “mulher” e ser “homem” culturalmente.

Nesse contexto, a temática assume uma posição marcada por diferentes olhares e articulações conceituais que colaboram na discussão, compreensão e interpretação da complexidade do fenômeno. Tomar o tema da transexualidade como o centro de uma tese de doutorado trás o desafio de trabalhar com um “objeto” que não é fechado e predefinido. Nesse sentido, o cerne

² Adota-se, neste trabalho, o termo mulheres transexuais para se referir aos sujeitos biologicamente machos, mas que se vêem e percebem-se como mulheres conhecidas como (MtF) e homens transexuais para os sujeitos biologicamente fêmeas, mas que se vêem e se percebem enquanto homens, designados como (FtM). Essa decisão consiste em reafirmar as identidades que são expressas a partir da fala dos diferentes sujeitos. Além disso, adota-se também o uso predominante do artigo “a” seguido quando necessário de (o) para se referir a (os) transexuais. Tal escolha denota uma posição de gênero cujo artigo feminino assinala um devir feminino que perfaz as discussões sobre a transexualidade. Outro fato que necessita ser ressaltado refere-se ao uso do termo transexual independente dos sujeitos terem realizado ou não a cirurgia de transgenitalização. Nesse sentido, a transexualidade parte das próprias narrativas dos sujeitos que se vêem e definem-se como.



consiste em procurar os meandros históricos e discursivos que colocaram a transexualidade como um dos fenômenos mais emblemáticos do século XX no que se refere a pensar sobre a sexualidade humana, suas vicissitudes e relações com os saberes e o poder contemporâneos.

Não apenas a transexualidade se tornou visível, mas diferentes profissionais e centros de especialidades tornaram-se referências mundiais na construção do dispositivo da transexualidade. São exemplos a *Harry Benjamin Internacional Gender Dysphoria Association* (HBIGDA), o *Jonh Hopkings Hospital* e a Associação Americana de Psicologia (APA) que assumem um papel mundial como referência nas questões sobre transexualidade. Essas “instituições” e “organizações” são elementos fundamentais tanto na conceituação e tipificação da transexualidade quanto nas condutas terapêuticas estabelecidas e adotadas por diversos países no “tratamento” às (aos) transexuais.

No contexto cultural brasileiro, a questão da transexualidade tem ocupado cada vez mais espaço. Além da mídia, o fenômeno passou a pautar o campo da Saúde Pública, entrando para a lista de procedimentos do Sistema Único de Saúde (SUS). Essas mudanças ocorreram no âmbito de transformações que envolveram discussões em torno do sexo/sexualidade, gênero, corpo, movido no contexto dos movimentos sociais, principalmente, o movimento feminista que possibilitou a remodelação dos valores referentes ao feminino/masculino. É na égide desse “devir” feminino que tal fenômeno se inscreve como mais uma força de expressão das mudanças culturais e subjetivas em torno da experiência da sexualidade.

Dessa maneira, algumas questões emergem e norteiam a proposta de pesquisa: em que medida a transexualidade subverte a matriz heterossexual e alarga as fronteiras de gênero?, ou de que maneira, muitas vezes, é absorvida pela matriz da normalidade?, será que o desejo de modificação corporal do sexo, inclusive a cirurgia de transgenitalização, bem como todo discurso que é construído na tentativa de legitimá-la acaba por reinscrever a transexualidade na matriz inteligível do gênero – a heterossexualidade?, de que forma uma incoerência entre sexo e gênero, visível de forma contundente na transexualidade assinala um lugar de subversão da ordem vigente sedimentada sobre o binarismo?, será que se pode tomar a transexualidade como uma produção subversiva de desordem de gênero?, partindo dos e em relação aos domínios e às práticas discursivas em torno da transexualidade, como os sujeitos que vivenciam a experiência transexual se relacionam consigo mesmos, com seus desejos e identidades?, quais as negociações permutadas constantemente entre sujeitos, saberes e práticas de poder? e, como os discursos instituídos podem ser resignificados e/ou subvertidos nas práticas cotidianas dos diferentes sujeitos transexuais?



É a partir de uma matriz teórica apresentada no pensamento de Michel Foucault que as análises conceituais serão construídas, tomando como referência a arqueologia do saber e a genealogia do poder no pensamento de Foucault. Noções de saber, poder, biopoder, biopolítica, dispositivo, domínio, disciplina, norma, entre outros operadores conceituais nortearam as reflexões presentes na compreensão do intrincado jogo de produção de verdades sobre a transexualidade. Partindo dessa perspectiva, entender quais os mecanismos de produções de verdades e como operam nos diferentes domínios de saber que acabam por produzir a ideia de uma patologia, será fio condutor na compreensão da transexualidade, enquanto dispositivo.

Nesse contexto, a transexualidade se apresenta como um “objeto” interdisciplinar de análise e discussão em que diversas áreas do conhecimento (Sociologia, Antropologia, História, Psicanálise, Direito e Saúde Coletiva) se debruçam para pensar questões contemporâneas sobre sexo/sexualidade/desejo/gênero, sobre os direitos (individuais, coletivos, sexuais e reprodutivos) bem como sobre a dimensão da saúde, seja no sentido *stricto* do acesso e cuidado nos Serviços de Assistência à transexualidade, bem como nos aspectos mais amplos da dimensão da saúde, que envolve os sujeitos, suas relações e formas de subjetivação.

Mesmo considerando toda uma dimensão mítica e histórica que tem recuperado as imagens e as presenças de transexuais em determinadas épocas históricas e outras culturas não ocidentalizadas como as comunidades tradicionais e tribais, o ponto de partida para compreensão da construção da transexualidade, enquanto patologia é a sociedade ocidental e capitalista na transição da modernidade para contemporaneidade. Sua gênese remete à segunda metade do século XIX cuja consolidação pode-se perceber a partir da segunda metade do século XX (CASTEL, 2001) inscrita num conjunto de forças intelectuais e de pesquisas empíricas que encontraram intensidade, principalmente, após a 2ª Guerra Mundial com o desenvolvimento de pesquisas voltadas para as questões geradas pela guerra, consolidando uma tecnologia que tinha nas reconstituições dos corpos, seu objetivo principal. Tal fato aliado aos avanços no campo dos hormônios bem como as pesquisas em torno dos intersexuados constituíram acontecimentos fundamentais na construção do dispositivo da transexualidade (HAUSMAN, 1995). Faz-se necessário ressaltar que desde o final do século XIX e início do século XX, diferentes pesquisas foram realizadas, tendo como foco a possibilidade de inversão sexual. Destacam-se as pesquisas desenvolvidas por *Magnus Hirschfeld* no Instituto de Ciências Sexuais em Berlim 1929, do médico *Steinach* (que tentou a implantação de ovários em um sujeito biologicamente masculino) e *Felix Abram* (responsável pela 1ª cirurgia de redesignação sexual (CASTEL, 2001; SAADEH, 2004; ARÁN, 2006).



Mas, foi a partir do final da 2ª Guerra Mundial que a questão da transexualidade se consolidou. Constituíram movimentos importantes: a utilização do termo “Transexualismo”, inicialmente por *Cauldwell*, em 1949, através do artigo *Psychopatia Transexualis* e a documentação e publicização, em 1952, da primeira cirurgia para adequação do sexo, na cidade de Copenhague – Dinamarca: o ex-soldado americano *Georges Jorgensen* passava a ser *Cristine Jorgensen* (FRIGNET, 2002; RANSEY, 1998; VIEIRA, 1996; PERES, 2001, CASTEL, 2001; CHILLAND, 2003).

Do ponto de vista das formulações teóricas e desenvolvimento de pesquisas, os alicerces da ideia da transexualidade, enquanto doença, encontram-se nas obras do endocrinologista *Henry Benjamin*, do médico psiquiatra *Jonh Money* e do psicanalista *Robert Stoller*. Esses pensadores, através de suas pesquisas, equipes de pesquisadores, análises, formulações e teorias constituem a base epistemológica e prática sob a qual a transexualidade se consolidou no século XX.

Henry Benjamin é a primeira referência conceitual sobre o fenômeno da transexualidade, através da publicação do livro “O fenômeno transexual”, em 1953. Nessa obra, definiu e classificou a transexualidade, dando-lhe os contornos e especificidades de um objeto próprio no campo das patologias sexuais. Definiu a singularidade da transexualidade em oposição ao hermafroditismo, à homossexualidade e ao transvestitismo, estabelecendo uma tipologia gradativa que ia do pseudo transexual ao transexual verdadeiro. Além disso, foi responsável por se ter estabelecido uma condução terapêutica que iria se transformar numa referência na segunda metade do século XX, através do Instituto *Henry Benjamin*, ainda uma das maiores e mais influentes autoridades no campo da transexualidade.

O nome de *John Money* aparece com força na cultura norte-americana a partir da década de 1960 e liga-se particularmente a um grupo de trabalho do *Jonh Hopkins Hospital*. As pesquisas desenvolvidas no âmbito da clínica de identidade sexual representam um conjunto de formulações teóricas e práticas de intervenções clínicas fundamentais na separação da transexualidade dos casos de intersexualidade. Além disso, seus trabalhos foram importantes na introdução de uma dimensão sociológica e psicológica a partir das noções de identidade e papéis sexuais na compreensão e explicação do fenômeno da transexualidade.

Por fim, os trabalhos desenvolvidos por *Roberto Stoller* somam-se a essa seara discursiva na medida em que suas pesquisas, principalmente, em relação à noção de gênero e à entrada do pesquisador na compreensão e explicação da transexualidade foi outro ponto importante na produção do se que está designando como dispositivo da transexualidade. É possível encontrar



outros pensadores que desenvolveram discussões e pesquisas acerca da transexualidade. No entanto, o pensamento de *Benjamin, Money e Stoller* é o pilar epistemológico e clínico nas formulações das discussões teóricas sobre a transexualidade e na implantação e na implementação de condutas terapêuticas, constituindo domínios perpassados por relações de saber/poder.

Foi a partir da consolidação dessas matrizes que a transexualidade se instituiu como norma capturando uma pluralidade de expressões e vivências através do diagnóstico patológico. No entanto, tomando o conceito de norma no pensamento de Michel Foucault e de Judith Butler, vale indagar sobre o jogo estabelecido entre os sujeitos e a norma transexual, cuja relação, muitas vezes, estabelece -se através de uma forma paradoxal de interação e reiteração, ao mesmo tempo em que possibilita no âmbito do dispositivo à sua própria subversão. Partindo das discussões acerca da produção do “transtorno de identidade de gênero” e da relação desse com o acesso e cuidado na saúde, interessa-nos refletir sobre como os diferentes sujeitos transexuais “negociam” e, muitas vezes, “subvertem” as normas de gênero e a própria construção da transexualidade como uma patologia fundamentada numa dimensão psiquiatrizante.

A partir dessa perspectiva, além da dimensão institucional do processo que se estabelece com o campo da saúde, seja nas categorias de explicação quanto nas práticas de intervenções, a dimensão particular dos sujeitos, sua singularidade e suas tessituras cotidianas são levadas em consideração no jogo que estabelecem com a norma. O cerne, nessa questão, é perceber de que forma as identidades de gênero são constituídas e vivenciadas nas experiências transexuais, a partir de um aparato institucionalizado cujos domínios de saber produzem verdades e legitimam práticas que negociam o tempo inteiro com diferentes “experiências de si”, produzidas pelos sujeitos.

Nesse bojo, o gênero é entendido no âmbito das relações de poder e das práticas discursivas que instituem o sujeito *gendrado*. Essa dimensão da investigação reside em discutir quais os dispositivos que atuam na produção da transexualidade bem como os mecanismos através dos quais os sujeitos transexuais se inscrevem na gramática dos gêneros (BUTLER, 2002; 2003). Essa inscrição é pensada tanto da perspectiva macropolítica (o Estado, as instituições sociais e as políticas públicas que atuam sobre os sujeitos de gênero, legitimando-os ou não) bem como na perspectiva de uma micropolítica cujas identidades de gênero expressam-se nos territórios mais ínfimos.

A transexualidade é um dos temas privilegiados no debate atual sobre corpo, sexualidade, gênero e desejo. A compreensão desse processo bem como suas transformações depende do



entendimento, análise e reflexão crítica da transexualidade enquanto um dispositivo. O surgimento da sociedade disciplinar, tal como sugere Foucault, foi condição imprescindível na reconfiguração das relações entre o poder e a forma de controle do corpo tanto individual (anatomo-política) quanto social. No interior dessas relações, as sexualidades, sua polissemia e polimorfia, foram capturadas pelo modelo biopolítico, transformando-as num espaço de controle, disciplinarização, produções de verdades e intervenções que se constituíram a partir da coadunação de diferentes saberes e um feixe de relações de força (poder) disseminado por todo tecido social - o micropoder.

A partir das relações estabelecidas entre diferentes domínios de conhecimento, principalmente a Medicina, a Psiquiatria, o Direito, a Psicologia e a Sociologia a transexualidade transformou-se numa patologia caracterizada no âmbito dos transtornos mentais marcados por uma relação com o gênero. A configuração da norma transexual expressa através do DSM IV e do CID – 10 constitui um evento que consolidou um movimento que, a partir do final do século XIX e transição para o século XX, começava a produzir não apenas discussões acerca dos sujeitos, corpos e gêneros, mas começavam um processo de intervenções corporais que uniam a tecnologia ao campo da Medicina.

Nesse contexto, as discussões em torno da transexualidade deram-se em relação à travestilidade e, principalmente, a intersexualidade em que a separação e a singularização dela se deu a partir de uma nosologia e uma nosografia próprias que delimitaram as fronteiras, as características e as conduções da patologia. Essa norma – a ideia da transexualidade enquanto um transtorno de identidade de gênero, passou a funcionar de forma imperativa caracterizando e determinando os comportamentos trans. Sem dúvida, as discussões e pesquisas tanto do *Henry Benjamin* quanto do *John Money* e do *Robert Stoller* foram fundamentais nesse processo. Aliado a isso, a descoberta e uso dos hormônios bem como os avanços no campo das cirurgias plásticas foram elementos importantes neste processo. Esse conjunto de acontecimentos composto por produções discursivas, postulados, teses científicas, pesquisas e experiências, instituições sociais entre outros, compõe o que se designa como dispositivo da transexualidade, passando a operar como um imperativo cujos corpos, sexualidades, gêneros e desejos são compulsoriamente enquadrados na norma.

Na complexa realidade brasileira, a questão da transexualidade ocupa cada vez mais o campo das discussões quanto das demandas no campo do Direito, da Saúde Coletiva e da Saúde Pública. Atualmente, o Brasil possui 04 (quatro) Serviços de Atendimento reconhecidos pelo MS como referência no “tratamento” da transexualidade. Além desses, existem outros Serviços tanto



público quanto privados que têm como “objeto” de intervenção e condução terapêutica os casos denominados de transexualidade. Sem dúvida, esses serviços têm um papel e uma importância fundamentais na minimização do sofrimento subjetivo presente nos sujeitos trans. Funcionam como um espaço produtor de subjetividades onde, muitas vezes, as (os) transexuais se reconhecem como tal. No entanto, a pesquisa evidenciou que os Serviços bem como os profissionais que atuam nesses serviços reproduz e reafirmam a norma transexual caracterizada pela dimensão de doença psiquiátrica. De forma paradoxal, esses Serviços se constituíram ora reforçando as normas de gênero estabelecidas, ora possibilitando o alargamento das fronteiras dos gêneros a partir da possibilidade de transformações corporais e subjetivas.

Referências

- ARÁN, Márcia. **A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero**. Rio de Janeiro: Ágora. IX v, n. 1, p. 49-63, jan./jun. 2006a.
- _____. A sexualidade feminina e a crise da idéia de identidade. **Alter: Jornal de Estudos Psicanalíticos**. Brasília, 2003. 22 v, n. 1, p. 107-125.
- _____. A singularização adiada: o feminino na civilização moderna. In: BIRMAN, Joel. (Org.) **Feminilidades**. Rio de Janeiro: ;C. Capa, 2002.
- _____. Lacan e o feminino: algumas considerações críticas. In: **Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia de Práticas Psicoterápicas**, São Paulo: Educ, v. 5, n. 2, p. 293-328, 2004.
- _____. **O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação**. 2001. Xxx f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, n. 2, p. 399-422, 2003.
- _____; Zaidhaft, S.; Murta, D. **Transexualidade e saúde: a experiência do HUCFF/UFRJ**. No prelo.
- _____. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, 2008.
- _____. **Algumas considerações sobre transexualidade e saúde pública no Brasil**. *Polêmica Revista Eletrônica*. 2007. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol22/oficinas/artigos/bioetica_1.pdf> Acesso em 05 jul. 2008.
- _____; Peixoto Junior, C. A. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu** [online], Florianópolis, n. 28, p. 129-147, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100007&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 30 jun. 2007.



BENJAMIN, Harry. **The transsexual phenomenon**. New York: Julian, 1966. Disponível em: < <http://www.symposion.com/ijt/benjamin/index.htm> >. Acesso em: 20 set. 2008.

BENTO, Berenice. Da transexualidade oficial à transexualidade. In: PISCITELLI, Adriana (Org). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamound, 2004.

_____. **Transexuais, corpos e próteses**. Labrys Estudos Feministas, n. 4, ago./dez. 2003.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência da transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2005.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2002a.

_____. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: F. Universitária, 2001.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2004a.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997 a.

_____. **Os anormais**. São Paulo: M. Fontes, 2002b.

_____. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: M. Fontes, 2005.